



**ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS**

**CAP CAV FÁBIO LARANGEIRA DA MOTTA**

**A MISSÃO MILITAR FRANCESA NO EXÉRCITO BRASILEIRO E SUA  
CONTRIBUIÇÃO PARA A EVOLUÇÃO DA DOCTRINA DE EMPREGO DA  
CAVALARIA**

**Rio de Janeiro  
2019**



**ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS**

**CAP CAV FÁBIO LARANGEIRA DA MOTTA**

**A MISSÃO MILITAR FRANCESA NO EXÉRCITO BRASILEIRO E SUA  
CONTRIBUIÇÃO PARA A EVOLUÇÃO DA DOCTRINA DE EMPREGO DA  
CAVALARIA**

Trabalho Acadêmico apresentado à  
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,  
como requisito para a especialização  
em Ciências Militares com ênfase em  
História Militar.

**Rio de Janeiro  
2019**



**MINISTÉRIO DA DEFESA  
EXÉRCITO BRASILEIRO  
DECEX - DESMIL  
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS  
(EsAO/1919)**

**DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Autor: Cap Cav FÁBIO LARANGEIRA DA MOTTA**

**Título: A MISSÃO MILITAR FRANCESA NO EXÉRCITO BRASILEIRO E SUA  
CONTRIBUIÇÃO PARA A EVOLUÇÃO DA DOCTRINA DE EMPREGO  
DA CAVALARIA.**

**Trabalho Acadêmico, apresentado à  
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,  
como requisito parcial para a obtenção da  
especialização em Ciências Militares, com  
ênfase em Gestão Operacional, pós-  
graduação universitária lato sensu.**

**APROVADO EM \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ CONCEITO: \_\_\_\_\_**

**BANCA EXAMINADORA**

<b>Membro</b>	<b>Menção Atribuída</b>
<b>LEONARDO FAULHABER MARTINS - TC</b> Cmt Curso e Presidente da Comissão	
<b>GUILHERME BERNARDES SIMÕES - Cap</b> 1º Membro e Orientador	
<b>RICARDO SPADER - Cap</b> 2º Membro	

**FÁBIO LARANGEIRA DA MOTTA – Cap**  
Aluno

# A MISSÃO MILITAR FRANCESA NO EXÉRCITO BRASILEIRO E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A EVOLUÇÃO DA DOCTRINA DE EMPREGO DA CAVALARIA

Fábio Lorangeira da Motta\*  
Guilherme Bernardes Simões\*\*

## RESUMO

Apresenta uma análise acerca da influência da Missão Militar Francesa (MMF) na evolução da doutrina da Cavalaria do Exército Brasileiro. A MMF contratada pelo Brasil para modernizar o Exército esteve presente no país entre os anos de 1920 e 1940 e impactou diretamente na reorganização em curso na Força. A presente pesquisa relaciona as contribuições e os ensinamentos colhidos a partir da experiência militar francesa e a influência na doutrina de emprego da Cavalaria. Para isso, o trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e documental, na busca de traçar um paralelo entre a doutrina empregada no final do século XIX, início do século XX, e aquela ao final da década de 1930. Dessa forma, foi possível compreender a situação do Exército no momento histórico apresentado, e as contribuições diretas e indiretas da MMF para a doutrina da Cavalaria, através da reorganização e desenvolvimento trazidos no período de permanência da referida missão no Brasil. O resultado alcançado retratou a pertinência e importância da MMF como vetor de modernização da Cavalaria do Exército Brasileiro.

**Palavras-chave:** Missão Militar Francesa. Cavalaria. Doutrina. Evolução. Modernização.

## ABSTRACT

It presents an analysis about the influence of the French Military Mission (MMF) in the evolution of the Brazilian Army Cavalry doctrine. The MMF hired by Brazil to modernize the Army was present in the country between 1920 and 1940 and had a direct impact on the ongoing reorganization of the Force. This research relates the contributions and lessons learned from the French military experience and the influence on the Cavalry employment doctrine. To this end, the study was developed through bibliographic and documentar research, seeking to draw a parallel between the doctrine employed in the late nineteenth century, early twentieth century and that in the early 1940s. Thus, it was possible to understand the situation of the Army at the historical moment presented, and the direct and indirect contributions of the MMF to the doctrine of Cavalry, through the reorganization and development brought during the period of the mission in Brazil. The achieved result portrayed the relevance and importance of the MMF as a modernization vector of the Brazilian Army Cavalry.

**Keywords:** French Military Mission. Cavalry. Doctrine. Evolution. Modernization.

---

\* Capitão da Arma de Cavalaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2009.

\*\* Capitão da Arma de Cavalaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2006. Pós-graduado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2015.

## 1 INTRODUÇÃO

O Exército Brasileiro no início do século XX atravessava um período de transformação e reorganização. Após a Guerra do Paraguai (1864-1870), as forças militares passaram por uma fase de evidente declínio. No início da República, os militares passaram a se envolver mais diretamente com a política. Assim, devido à agitação política nacional e sob influência da corrente de pensamento da época, a preocupação com o progresso militar ficou relegada a um segundo plano no final do século XIX, até que fosse iniciado um princípio de reformulação no início do século passado:

O preparo profissional da força manteve-se aquém do que se esperava de um exército. O que se torna evidente quando se observa que, em uma série de momentos históricos, tais como a Revolução Federalista (1893-1895), a Revolta da Armada (1893-1894) e a Guerra de Canudos (1896-1897), o Exército Brasileiro foi incapaz de cumprir o seu papel constitucional (SILVA; METRE, 2019, p.31).

Nesse contexto, o Brasil contratou uma Missão Militar Francesa (MMF) que permaneceu no país de 1920 a 1940, cujo objetivo era a instrução do Exército Brasileiro. A Missão possuía ação direta no ensino e junto ao Estado-Maior da Força, com a finalidade da formação de um Exército para a guerra, organizado e provido de material.

A MMF foi contratada pelo Governo Brasileiro devido a duas razões fundamentais: o sucesso, com efetiva participação da França na Primeira Guerra Mundial e por ter-se decidido melhorar a eficiência do Exército. Era preciso reorganizá-lo e dotá-lo de recursos modernos que lhe permitisse garantir a soberania nacional, impondo-se, inclusive, a seus congêneres sul-americanos (BASTOS FILHO, 1994).

### 1.1 PROBLEMA

O Exército Brasileiro em 1915 possuía suas forças organizadas em armas e serviços, as tropas de Cavalaria estavam organizadas em Regimentos de Cavalaria, que compunham as Brigadas de Cavalaria e as Divisões de Exército.

A carência de material bélico, falta de preparo da tropa, deficiências em infraestrutura e a omissão da classe política quanto a precária condição da Força marcam os últimos anos da década de 1910.

O material de guerra existente no Exército é de origem alemã: o fuzil e a carabina Mauser. Na cavalaria, sabre, lança e mosquetão, já não bastavam para o emprego efetivo da arma.

A doutrina de emprego da Cavalaria na época pregava o combate a cavalo, buscando nas ações ofensivas tirar proveito da velocidade, ação de choque e, principalmente, da vantagem de posição sobre o inimigo. Doutrina esta que já estava em declínio nos conflitos da época, ensejando a necessidade de evolução.

Diante desse cenário de necessidade de profissionalização, modernização e melhoria da eficiência do Exército, o problema da pesquisa surge quanto à necessidade de conhecer as mudanças ocorridas na Cavalaria, geradas por ação da MMF junto ao Exército Brasileiro no início do século XX, principalmente no que tange a doutrina de emprego, uma vez que existe carência de informação sobre o tema.

## 1.2 OBJETIVOS

Analisar a influência e o legado da Missão Militar Francesa para a evolução da doutrina de emprego da Cavalaria do Exército Brasileiro.

Para possibilitar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo listados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

- a) Identificar a organização e a doutrina de emprego da Cavalaria anterior a 1920;
- b) Identificar as contribuições da Missão Militar Francesa para a Cavalaria do Exército Brasileiro;
- c) Analisar as modificações doutrinárias ocorridas na Cavalaria no período de vigência da Missão Militar Francesa; e
- d) Identificar a evolução no material de emprego militar da Cavalaria no período de vigência da Missão Militar Francesa.

## 1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A Missão Militar Francesa influenciou diretamente a evolução do Exército Brasileiro, trazendo conhecimentos e experiência de um exército com vivência em combate. Dessa maneira, o estudo desse momento histórico recobre-se de

importância por ser um marco histórico na evolução da Força Terrestre Brasileira.

A análise da evolução doutrinária da Cavalaria se faz relevante para entender como se deu essa transformação e reforçar a mentalidade de que a doutrina está em constante modificação. Ressalta-se assim, a pertinência do continuado estudo do processo evolutivo da arte da guerra e intercâmbios com outros exércitos.

A contratação da Missão Militar Francesa completa 100 anos no ano de 2019, o que torna o tema atual em virtude da herança histórica indelével deixada para o Exército Brasileiro.

## 2 METODOLOGIA

O trabalho está fundamentado na pesquisa documental, leitura analítica e fichamento das fontes para a busca da solução ao problema.

Quanto à forma de abordagem do problema, utilizou-se, principalmente, os conceitos da pesquisa qualitativa, por se tratar de uma análise histórica.

Quanto ao objetivo geral, a pesquisa se caracteriza como exploratória, de maneira a se inteirar dos acontecimentos e familiarizar com o fato estudado.

### 2.1 REVISÃO DA LITERATURA

O Exército no ano de 1915 estava organizado em: 5 (cinco) Divisões de Exército, 3 (três) Brigadas de Cavalaria, 2 (dois) Grupos de Artilharia de Montanha, 1 (um) Batalhão de Artilharia Pesada de Campanha, 1 (um) Batalhão Ferroviário, 1 (uma) Companhia Ligeira de Pontoneiros, 1 (um) Parque de Aeronáutica, 1 (um) Parque de Artilharia, 1 (um) Parque de Engenharia, 1 (um) Comboio Auxiliar e 16 (dezesesseis) Hospitais de Campanha.

A Divisão de Exército era constituída por: 02 (duas) Brigadas de Infantaria, 1 (uma) Brigada de Artilharia, 1 (um) Regimento de Cavalaria, a 4 (quatro) esquadrões, 1 (um) Batalhão de Engenharia e 1 (um) Corpo de Trem. Sendo que a 3ª Divisão de Exército era mobiliada por 1 (uma) Brigada de Cavalaria, a 2 (dois) Regimentos, ao invés de um Regimento.

A Brigada de Cavalaria era composta pelas seguintes Unidades: 3 (três) Regimentos de Cavalaria, a 4 (quatro) esquadrões, 1 (um) Grupo de Artilharia a Cavalos e 1 (uma) Seção de Munição de Armas Portáteis.

O Exército às vésperas da contratação da Missão Militar Francesa possuía inúmeras deficiências, dentre elas referentes à organização, aquartelamentos, material bélico, instrução, capacidade de ação, isto é preparação da reserva, e doutrina. Esta última pouco sistematizada e carente de unidade doutrinária. Entretanto, já havia o consenso entre as autoridades do governo e militares da necessidade de modernização e melhoria na eficiência da Força.

Isto posto, decidiu-se pela contratação de uma Missão Militar de Instrução, caracterizada como:

A Missão de Instrução é organizada em país por solicitação de outro para nesse último e mediante um acordo ou contrato firmado entre os dois governos prestar assistência e transmitir ensinamentos visando, por meio de organização adequada, tudo devidamente adaptado às finalidades conjunturais e aos recursos disponíveis, tornar o mais objetivo possível o organismo bélico do país assistido (MALAN, 2018, p. 30).

Buscava-se assim, o desenvolvimento de doutrina própria para o Exército Brasileiro e melhoria da educação militar, pressupostos indispensáveis para a eficiência operacional.

A Doutrina em seu significado mais amplo é o conjunto de princípios, conceitos, normas e procedimentos, fundamentadas principalmente na experiência, destinada a estabelecer linhas de pensamentos e a orientar ações, expostos de forma integrada e harmônica (BRASIL, 2014, p. 1-1).

As doutrinas militares compreendem o conjunto harmônico de ideias e de entendimentos que define, ordena, distingue e qualifica as atividades de organização, preparo e emprego das Forças Armadas (FA). Dentro dessa visão, as doutrinas militares englobam a administração, a organização e o funcionamento das instituições militares (BRASIL, 2014, p. 1-1).

A Doutrina Militar Terrestre (DMT) é o conjunto de valores, fundamentos, conceitos, concepções, táticas, técnicas, normas e procedimentos da F Ter, estabelecidos com a finalidade de orientar a Força no preparo de seus meios, considerando o modo de emprego mais provável, em operações terrestres e conjuntas. A DMT estabelece um enquadramento comum para ser empregado por seus quadros como referência na solução de problemas militares (BRASIL, 2014, p. 1-2).

Dessa forma, tendo como contexto histórico o final da 1ª Guerra Mundial, foi verificada a necessidade de realizar uma modernização no Exército do Brasil, diante da importância de uma nação possuir tropas fortes o suficiente para manter a soberania nacional.

Assim, de acordo com a necessidade de preparo e adestramento, de aprimorar as técnicas e melhorar o equipamento bélico da Força Terrestre, o Brasil decide recorrer ao apoio da França para profissionalizar seu quadro de militares e ter um Exército forte e coeso. O que leva o governo a contratar uma missão militar para instrução e preparo de graduados e oficiais, autorizada pelo Decreto nº 3.741, de 28 de maio de 1919.

A MMF tinha como objetivo inicial a instrução, reorganização e criação de escolas, colaboração na revisão dos regulamentos e nas viagens do Estado-Maior do Exército (EME), bem como o auxílio em manobras e exercícios de quadros. A cúpula militar brasileira tinha o propósito de acabar com o ensino de conhecimentos sem aplicação prática.

O Gen Maurice Gamelin, escolhido para ser o primeiro chefe da MMF antes mesmo da formalização da contratação da mesma, já no início de 1919, fora orientado a respeito da intenção das autoridades militares brasileiras quanto às ações da Missão, no tocante à modernização do Exército Brasileiro. Desta

forma, seguindo a orientação do ministro da Guerra, Gen Alberto Cardoso de Aguiar, pode realizar uma viagem para o Brasil, ainda em 1919, a fim de conhecer as condições da Força e os pontos essenciais do território do nacional.

Assim sendo, o Gen Gamelin teve tempo para planejar e preparar as primeiras ações da MMF ao chegar ao Brasil. Materializadas por meio de atualização e revisão ou tradução e adaptação de manuais e regulamentos, bem como o início da modernização do ensino nas escolas:

A Missão fora contratada para modernizar o nosso Exército, organizando-o e instruindo-o. Ora, fazia-se mister que começasse pelas escolas, como previsto, e que, nestas, administrasse ensinamentos de forma a criar uma unidade de doutrina assentada nos métodos de trabalho e nos regulamentos (MALAN, 2018, p. 124).



**FIGURA 1** – Chegada da Missão Militar Francesa ao Brasil. À esquerda, em primeiro plano, o Gen Maurice Gamelin, o primeiro chefe da Missão.  
Fonte: MALAN, 2018, p.145

Conforme o prescrito no contrato da Missão, o seu chefe era posto à disposição do Chefe do Estado-Maior do Exército como consultor técnico para a instrução e organização. Ademais, foram designados oficiais franceses para a direção das escolas de Aperfeiçoamento, Intendência, Veterinária e, inicialmente, para a Escola de Estado-Maior, atual Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) que posteriormente teve essa designação alterada para um diretor de estudos e três oficiais professores.

O Decreto nº 13.451, de 29 de janeiro de 1919, definiu as bases para a reorganização do ensino militar. A MMF, ficou encarregada da instrução na Escola de Estado-Maior, Curso de Revisão, Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), Escola de Aviação, Escola de Veterinária e Escola de Intendência.

Ressalta-se os objetivos das Escolas de Aperfeiçoamento e de Estado-Maior, nas quais o ensino era fundamentalmente de caráter prático, estribado na resolução de casos concretos, na carta e no terreno.

A Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, que conforme o decreto acima citado, recebe capitães e 1º tenentes, destinava-se:

1 – completar a instrução técnica desses oficiais de maneira que possam desempenhar, pelo melhor e nas condições da guerra moderna, as funções de comandante de pequenas unidades (companhias, esquadrões e baterias).

2 – prepará-los para os postos superiores, até ao de comandante de regimento inclusive. Para esse fim, ao lado de uma instrução técnica especial de cada arma, ministra-se-lhes uma tática de todas, atuando em cooperação na batalha; e, ao mesmo tempo, instrução geral põe-nos ao corrente dos grandes problemas que as guerras modernas fazem surgir (MALAN, 2018, p. 289).

A Escola de Estado-Maior tinha a seguinte finalidade:

1 - formar o quadro de oficiais de Estado-Maior destinado a constituir os estados-maiores de tempo de paz e de guerra do Exército Brasileiro.

2 – criar um viveiro de oficiais de vistas largas e cultura geral desenvolvida, fonte de recrutamento do Alto-Comando futuro (MALAN, 2018, p. 289).

No que tange os regulamentos, de acordo com Malan (2018), para que uma doutrina de guerra dê resultado e atinja a maior quantidade de militares possíveis, a instrução necessita estar sistematizada nos regulamentos que possibilitem a aplicação uniforme.

Dessa forma, essa sistematização ocorreu pela estreita colaboração dos integrantes da Missão, que trouxeram além experiência de guerra, uma doutrina que deu certo e os conhecimentos dos processos de combate modernos, com o Estado-Maior do Exército Brasileiro, que considerou as condições locais, as tradições, o terreno, o clima, dentre outros fatores para a escrituração, atualização ou tradução dos regulamentos.

São modificados ou criados pela MMF os seguintes regulamentos: regulamento para a direção das grandes unidades; regulamento para o Exército e o combate de infantaria; regulamento para instrução física militar;

regulamento para exercício e combate da cavalaria; regulamento para os exercícios, combate e tiro de artilharia; regulamento para serviço do exército em campanha; regulamento para instrução dos quadros de tropa; regulamento para organização do terreno; regulamento para inspeções, revistas e desfiles; regulamento para emprego dos meios de transmissão; regulamento para organização geral dos serviços no exército; regulamento de minas; regulamento de pontes; regulamento reservado para o serviço de Estado-Maior de Campanha; regulamento para o serviço da Intendência de guerra.

No tocante ao material, de acordo com Malan (2018), a MMF apresentou as seguintes considerações, observadas no período da Primeira Guerra: um aperfeiçoamento notável ao material de artilharia, uma transformação radical no armamento de infantaria, um desenvolvimento considerável nos processos de ligação, a necessidade de dotações de munições até então insuspeitadas, a adoção de meios novos, como os carros de assalto (nome dado aos carros de combate no período) e a importância primordial tomada pela aviação.

Nesse sentido, convém salientar as considerações acerca do carro de assalto, “capazes de quebrar os obstáculos na progressão da infantaria e de acompanhá-la em todos os terrenos.” (MALAN, 2018, p. 296).

Quanto ao ensino militar calcado na doutrina, foi implementado em aspectos práticos, a resolução de temas táticos, que eram elucidados pelos instrutores à luz da doutrina militar e dos regulamentos, provocando reflexos na nova geração de militares. Diminuindo assim, o caráter altamente teórico do ensino até então conduzido na caserna.

O estudo de casos concretos baseados na experiência real dos instrutores franceses na 1ª Guerra Mundial muito contribuiu nessa análise tática.

Relativo à doutrina de emprego da Cavalaria, destaca-se a criação da Escola Provisória de Cavalaria, criada por Aviso do Ministro nº 86, de 09 de fevereiro de 1925. Que funcionou de 1925 a 1936, e onde eram ministrados o curso de aperfeiçoamento dos oficiais subalternos de cavalaria, o curso de sargentos de cavalaria, a parte de “cavalaria” do curso feito na EsAO para os oficiais superiores de todas as armas, o curso de “cavalaria” para os alunos da Escola de Aviação Militar, as conferências e as demonstrações no terreno relativas à constituição e emprego da cavalaria, feitas para os alunos da EsAO. Ademais, a escola ministrava a instrução equestre para os alunos de diversos outros estabelecimentos de ensino (MALAN, 2018, p. 161).

Assim, já ao final da década de 20, a realização intensa de exercícios no terreno realizados com a tropa, foi adestrando as unidades e grandes unidades. Percebia-se o resultado da cooperação franco-brasileira na tropa, nos comandos e nas escolas militares.

Quanto as contribuições da Missão Militar Francesa é possível afirmar que:

O Exército que a República encontrou passou a merecer os cuidados de que precisava, e, por várias administrações que se sucederam, foi convenientemente melhorado, moral e profissionalmente (MALAN, 2018, p. 215).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a 1ª Guerra Mundial, as autoridades brasileiras tomaram atitudes no sentido de instruir as Forças Armadas, uma delas por meio da contratação de missões militares estrangeiras. Postura que trouxe rapidamente a reorganização, remodelação dos seus quadros e do material e a modernização da tática. Trazendo à tona a preocupação com a “concepção de guerra”.

Com efeito para o Exército, notou-se uma transformação de mentalidade e profissionalismo dos seus integrantes.

Logo nos primeiros anos da Missão Militar Francesa já se notara melhoria na unidade de doutrina do Exército, materializada por regulamentos editados, aquisição de material de emprego militar, ensino nas escolas e reestruturação da Força, assentando assim as bases doutrinárias que transformaram o Exército na década de 20.

Como reflexo para a Cavalaria, em 1922, foi elaborado o regulamento nº 9, Regulamento para os Exercícios e o Combate da Cavalaria, conforme relatório do Estado-Maior do Exército ao Ministro da Guerra daquele ano e o regulamento de Emprego dos Carros de Assalto.

Malan (2018) destaca que no ensino houve uma sistematização da análise dos problemas táticos e do método de raciocínio, foram transmitidos conhecimentos acerca da preparação, organização e condução de exercícios (na carta e no terreno) e de manobras, que com o tempo reforçou a unidade de doutrina, fato representado pela maneira de pensar e resolver os problemas táticos, utilizando um método de raciocínio baseado nos fatores da decisão, quais sejam: missão, inimigo, terreno e meios.

No aspecto de modificações doutrinárias e evolução do material da Cavalaria durante a vigência da Missão Militar Francesa, destaca-se a criação da Companhia de Carros de Assalto, pelo Decreto 15.235, de 31 de dezembro de 1921, na Vila Militar, no Rio de Janeiro-RJ. Fato que tornou o Brasil pioneiro no emprego de blindados na América do Sul.

A Companhia de Carros de Assalto era mobiliada com 12 (doze) viaturas Renault FT-17, novas, que chegaram ao Brasil em 1920.

O Renault FT-17, projetado e fabricado pela França, era um carro de combate leve e inovador para a época. Segundo Bastos (2001), ele era moderno por contar com uma torre giratória de 360°, equipada com com canhão Puteaux de 37 mm ou metralhadora Hotchkiss de 8 mm; por possuir a

seguinte concepção de compartimentos internos: sistema de direção à frente, torre no centro do veículo e motor na parte traseira; por ter sido fabricado conforme técnicas de produção em série; e, por ter sido concebido para possuir uma família sobre o mesmo chassi.

Dessa maneira, os carros de combate adquiridos pelo Brasil diferenciavam-se pelo tipo de armamento instalado em cada viatura. Isto é, existiam 6 (seis) carros-canhão, 5 (cinco) carros-metralhador e 1 (um) carro T.S.F. (Telegrafia Sem Fio), carro responsável pelo enlace de comunicação com os escalões superiores, que não possuía torre giratória e armamento.



**FIGURA 2** – Renault FT-17 equipado com canhão 37 mm (carro-canhão)  
Fonte: ALBUQUERQUE, 1921, p.51



**FIGURA 3** – Renault FT-17 equipado com metralhadora 7 mm<sup>1</sup> (carro-canhão)  
Fonte: ALBUQUERQUE, 1921, p.51

---

1. O calibre das metralhadoras Hotchkiss que equipavam os carros adquiridos pelo Brasil eram de 7 mm.



**FIGURA 4** - Renault FT-17 T.S.F.  
 Fonte: ALBUQUERQUE, 1921, p.55

A guarnição do carro era composta por apenas dois militares, o comandante de carro, encarregado do combate propriamente dito e o motorista, responsável pela direção. Localizados no compartimento da frente, na chamada “câmara de equipagem”.

<b>Características Carro de Assalto Renault FT-17</b>	
<b>Dimensões</b>	
Comprimento	5,0 m
Largura	2,80 m
Altura	2,14 m
<b>Mobilidade</b>	
Peso	6.500 kg
Potência motor	18 HP
Cruzamento de trincheira	2,80 m
Pendente máxima	45 %
Demolir muros	até 0,80 m
Velocidade estrada	8 Km/h
Velocidade campo	4 Km/h
<b>Poder de fogo</b>	
Carro-canhão	Canhão Puteaux de 37 mm
Carro-metralhador	Metralhadora Hotchkiss 7 mm
<b>Equipamento de pontaria</b>	
Visor do comandante	Luneta dos armamentos

**QUADRO 1** – Características do carro de assalto Renault FT-17 adquirido pelo Brasil  
 Fonte – O autor

Não há como abordar o pioneirismo em tropa blindada no Brasil e influência francesa sem citar o Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, idealizador e primeiro comandante da Companhia de Carros de Assalto. Que esteve presente na 1ª Guerra Mundial, junto ao Exército francês, incorporado ao 4º Regimento de Dragões. Posteriormente realizou curso na Escola de Carros de Combate de Versailles e estagiou no 503º Regimento de Carros de Combate, em 1919, onde conheceu o carro de combate Renault FT-17.

O Marechal José Pessoa deixou notável legado sobre o emprego dos blindados, materializado em sua obra “Os Tanks na Guerra Europeia”, relevante contribuição para a doutrina de emprego da Cavalaria.

Dessa maneira, fruto dessa experiência, a concepção da companhia de carros de assalto Renault FT-17 era ternária, ou seja, composta por três seções de combate (pelotões) iguais e comandada por um capitão. Já a seção de combate, comandada por um 1º ou 2º tenente, que dispunha de um carro-canhão como viatura, era organizada em duas outras seções, compostas por um carro-canhão e um carro-metralhador cada.

Assim, a companhia de carros de assalto possuía 5 (cinco) carros por seção de combate, 1 (um) carro T.S.F. e 1 (um) carro comando, perfazendo um total de 17 (dezesete) viaturas.

Quanto a forma de emprego dos carros de combate, raciocinava-se à época, para operações ofensivas, que um batalhão de carros se integraria a uma divisão de infantaria para o combate. Albuquerque (1921, p. 203) afirma ainda, que o pelotão de carros de combate não deve ser empregado isoladamente, sem estar acompanhado pela infantaria, de maneira que o primeiro conquista o terreno, e o segundo ocupa-o. Ademais, a infantaria realiza a proteção aproximada dos carros.

Observa-se então, que já no primeiro conflito armado no qual se utilizou em larga escala os carros de combate, o emprego combinado, que chamamos hoje de “Força-Tarefa”, foi difundido como a forma de emprego que mais se adequava ao novo meio que surgia. De maneira a haver uma complementariedade de características e potencialidades entre os diferentes tipos de tropas.

Além disso, a forma de combate trazida dos campos de batalha europeus, empregada pelo exército francês, preconizava que as cinco viaturas da seção

de combate eram aptas a combater em uma frente de 200 (duzentos) metros. E ainda, que os carros de combate “constituem o meio de fazer quebrar as resistencias que a infantaria encontra na sua frente, abrindo a estrada a sua progressão” (ALBUQUERQUE, 1921, p. 205).

Isto posto, reforça-se o conceito de que as viaturas blindadas eram utilizadas como forma de apoio às tropas de infantaria. Entretanto, existia a mentalidade de que os carros de combate eram meios nobres, mais aptos a atuarem em operações ofensivas, buscando a surpresa, em variados terrenos e nos momentos mais decisivos.

No que diz respeito à formação de ataque dos carros de combate, dentro das seções de combate, os três carros-canhão eram colocados ao centro do dispositivo, a fim de abater o ponto principal da resistência inimiga. Enquanto os carros-metralhador eram dispostos nos flancos a fim de proteger os carros canhões ao longo da progressão.

Os ensinamentos no que tange as formas de manobra utilizadas no emprego dos carros de combate são as seguintes: contra uma posição organizada, fortemente defendida, o ataque deve ser direcionado contra o ponto mais forte do sistema defensivo; já se o terreno for livre de obstáculos, o ataque deve ser de envolvimento, orientado na conquista de objetivo na retaguarda inimiga, evitando a sua reorganização.

Albuquerque (1921) apontou o sucesso do emprego dos carros de combate na 1ª Guerra Mundial pelos exércitos envolvidos e, considerava ainda, a necessidade de possuí-lo em quantidades suficientes, de maneira a apoiar as ações dos diferentes escalões de combate de uma força.

Entretanto, fazia uma ressalva em relação à realidade do Exército Brasileiro:

Nós, porém, assim não podemos proceder. Além das grandes despesas a que seríamos forçados, nesse momento de aperturas e economias, temos a considerar que o carro blindado é ainda material muito imperfeito, está atravessando, pode-se dizer, o seu primeiro período de evolução. É verdade que com o numero de aparelhos que adquirimos nenhuma operação de guerra importante poderemos realizar. Será, entretanto, este numero o suficiente para preparar o nosso pessoal na pratica dessa nova arma de guerra. É este presentemente o nosso unico objetivo (ALBUQUERQUE, 1921, p. 214).

Outrossim, cabe ressaltar mais um ensinamento de grande valia para o emprego da Cavalaria, que perdura até a atualidade, a importância da

especialização e do treinamento exigidos do pessoal que opera os carros de combate. Obtidos através da organização de cursos para oficiais e sargentos, os quais pudessem posteriormente formar os quadros, constituindo então uma tropa de especialistas em carros de combate, que deveria ser conduzida por comandantes capazes, que fossem estudiosos do emprego tático do blindado.

Historicamente a Companhia de Carros de Assalto esteve em funcionamento ao longo de mais de 10 (dez) anos. O Decreto nº 20.986, de 21 de janeiro de 1932, trata da sua extinção. Todavia, o seu legado fez-se presente ao longo do século XX, na medida em que o emprego de blindados foi sendo discutido, aperfeiçoado e implementado no Exército. Em que pese as dificuldades no período em incutir nos militares em geral, particularmente nos de cavalaria, a “mentalidade do blindado”, para que houvesse maior motivação por parte da oficialidade no apoio a indiscutível evolução em curso e as modificações ocorressem com maior tempestividade.

Identifica-se ainda, a criação da Seção de Motomecanização no Estado-Maior do Exército, pelo Aviso nº 248, de 22 de abril de 1935, por influência direta do chefe da Missão Militar Francesa, General Paul Noel, bem como a criação do Esquadrão de Auto Metralhadoras do Centro de Instrução de Motorização e Mecanização, no Rio de Janeiro, pelo aviso nº 400, de 25 de maio de 1938. Acontecimentos que marcam a evolução doutrinária do Exército Brasileiro, da Cavalaria e trazem um novo impulso ao emprego dos blindados.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Missão Militar Francesa que esteve no Brasil entre 1920 e 1940 contribuiu significativamente na evolução e modernização do Exército Brasileiro. É inegável sua influência na reorganização da Força, na atualização, formulação ou tradução de regulamentos e manuais, nas escolas militares, com a impulsão na atividade de ensino e no processo de análise da missão e tomada de decisão, na aquisição de material militar, dentre inúmeras realizações a partir de sua chegada ao país. Enfim, contribuiu com a consolidação de uma unidade de doutrina do Exército.

Nesse período, a influência de maior valor militar e histórico para a Cavalaria, foi a criação da Companhia de Carros de Assalto e o emprego dos primeiros blindados no Brasil, o Renault FT-17. O que desencadeou um processo de evolução doutrinária no emprego da Arma de Osório. Fruto da adoção de novos meios, a técnica e a tática tiveram que ser aperfeiçoadas, os recursos humanos tiveram que ser preparados para nova realidade e as estruturas foram adequadas às novas demandas.

Por fim, destaca-se as contribuições relativas aos primeiros empregos do carro de combate no Brasil, ficando evidente a grande influência da doutrina militar francesa, em virtude das estreitas relações franco-brasileiras. Dessa forma, ressalta-se alguns aspectos doutrinários que já eram considerados na década de 20, e que ainda hoje são atuais: como o emprego combinado do carro de combate e do fuzileiro, o entendimento de que o blindado é um meio nobre e deve ser preservado para ações decisivas na guerra e a necessidade de elementos especializados para a operação dos carros.

## REFERÊNCIAS

A CAVALARIA no Brasil. Disponível em: <[http://www.esao.eb.mil.br/images/Arquivos/CCAV/informativos/historia\\_da\\_cavalaria\\_no\\_brasil.pdf](http://www.esao.eb.mil.br/images/Arquivos/CCAV/informativos/historia_da_cavalaria_no_brasil.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2019.

BASTOS, Expedito Carlos Stephani. O Brasil na era dos blindados: Renault FT-17 no Exército Brasileiro 1921-1942. **Revista Dacultura**, Brasília, v. 2, p.40-46, dez. 2001. Disponível em: <[http://www.funceb.org.br/images/revista/9\\_7k4o.pdf](http://www.funceb.org.br/images/revista/9_7k4o.pdf)>. Acesso em: 11 set. 19.

BASTOS FILHO, Jayme de Araujo. **A Missão Militar Francesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994, 188 p.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Decreto Nº 11.497, de 23 de Fevereiro de 1915**: Remodelação do Exército Nacional. Rio de Janeiro, RJ, 28 fev. 1915. Seção 1, p. 2275-2275. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-11497-23-fevereiro-1915-513642-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **EB20-MF-10.102**: Doutrina Militar Terrestre. 1. ed. Brasília, DF, 2014.

BELLINTANI, Adriana Iop. **O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa: instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940)**. 2009. 700 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/3811>>. Acesso em: 24 mar. 2019.

CAIAFA, Roberto. **Primeiro Carro de Combate do EB (e da América do Sul) realiza giro de motor após sete anos**. [S. l.: s. n.], 20 jul. 2018. Disponível em: <http://tecnodefesa.com.br/primeiro-carro-de-combate-do-eb-e-da-america-do-sul-realiza-giro-de-motor-apos-sete-anos/>. Acesso em: 28 jul. 2019.

CORREIA NETO, Jonas. Missão Militar Francesa. **Revista Dacultura**, Brasília, nº 8, p.34-39, jun. 2005. Disponível em: <[http://www.funceb.org.br/images/revista/17\\_4p2s.pdf](http://www.funceb.org.br/images/revista/17_4p2s.pdf)>. Acesso em: 11 set. 2019.

LOURO, João Marcos Macedo. **Carros de Assalto: Seu Primeiro Comandante no Brasil – 1921**. Monografia - Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2008. Disponível em: <<http://www.ecsbdefesa.com.br/defesa/fts/CA1921.pdf>>. Acesso em: 30 ago 2019.

MALAN, Alfredo Souto. **Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2018. 312 p.

SILVA, MARIO HENRIQUE DE OLIVEIRA COUTINHO DA; METRE, THALES RABELO. **A influência da Missão Militar Francesa**. Livro Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (Brasil) EsAO: 100 anos aperfeiçoando oficiais para o Brasil e as Nações Amigas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, p. 21-34, 2019.